
O CAPITÃO E O ÍNDIO: ENCONTRO DE CULTURAS?

Leyla Perrone-Moisés*

RESUMO

A partir do exame de certos aspectos da história do índio brasileiro Essomericq – levado para a França em 1504, pelo Capitão de Gonneville e tendo aí vivido até os 95 anos de idade – este artigo questiona as conseqüências do encontro de culturas, da troca de uma cultura por uma outra: as perdas culturais, as desigualdades que ocorrem em virtude das características próprias das culturas em confronto.

No livro *Vinte Luas*¹, narrei a história do Capitão Binot Paulmier de Gonneville e de seu afilhado, o índio Essomericq. O Capitão normando aportou em terras brasileiras em janeiro de 1504 e ao partir, seis meses depois, levou com ele o filho de um cacique carijó, que viveu na França até a idade de 95 anos, aí deixando uma ilustre descendência.

No conjunto das comemorações dos 500 anos da América, essa história ocupa um lugar excepcional. É uma breve “história cor-de-rosa” encaixada numa extensa “lenda negra”. Conhecem-se muitos casos de apadrinhamento e de aliança matrimonial entre europeus e índios, no século XVI; mas não se conhece outro caso como esse, de adoção plena e tratamento absolutamente igualitário de um índio por um descobridor. Não houve, nessa história, nenhuma motivação interesseira por parte do europeu. O Capitão reconheceu de imediato e para sempre o índio como um ser humano digno de respeito e de afeição. Por outro lado, a longevidade do índio e sua numerosa prole são indícios de que sua aculturação não foi traumática.

A história de Gonneville e Essomericq tem uma qualidade emblemática, na medida em que ela demonstra, ainda que isoladamente, que o encontro de homens de culturas tão diferentes pode ocorrer sem agressividade mútua. Uma bela história que, em nosso sonho, poderia generalizar-se. Poderia? Essa história representa um encontro de culturas? Não caímos no discurso fácil e diplomático que caracteriza as comemorações oficiais do 5.º Centenário da Descoberta da América. O encontro de culturas nunca é idílico e, mesmo quando uma fusão se produz sem violência (o

* Professora Titular de Literatura Francesa da USP. Doutora e Livre-Docente em Literatura Francesa.

que está longe de ser o que ocorreu na América), dela resultam perdas culturais difíceis de avaliar.

O encontro de culturas representado pela história do Capitão e do carijó pendeu para um dos lados. Sabemos que Essomericq foi assimilado pela Normandia. Não sabemos até que ponto Essomericq e os carijós transformaram Gonneville. Provavelmente nada, ou muito pouco. A cultura ocidental venceu, neste pequeno episódio como na história toda.

Evitemos, porém, aqui, outras facilidades discursivas, que consistem em identificarmos-nos, nós americanos de hoje, com os habitantes primitivos da terra, em oposição anacrônica ao inimigo europeu. O discurso irado contra a “invasão da América”, a recusa das comemorações do 5.º Centenário, são o oposto, igualmente injustificado, das celebrações oficiais. A condenação dos massacres e o pesar pelas perdas culturais ocorridas no Novo Mundo se exprimem hoje, quer o queiramos ou não, em nome de certos valores do Velho Mundo que se tornaram nossos: os direitos humanos, o direito à propriedade da terra, à soberania nacional, à diferença étnica, etc. Além do mais, o próprio conceito de América é uma invenção européia². Antes da Descoberta, não havia, nos habitantes, qualquer noção acerca da unidade territorial do Continente; também não havia qualquer idéia de solidariedade entre os diferentes povos que o habitavam, os quais, pelo contrário, guerreavam incessantemente com os vizinhos mais próximos.

Alguns aspectos do pequeno episódio que narrei em meu livro fazem refletir. Tendemos a crer, por exemplo, que o mutismo do índio, nessa história, é resultado e prova do etnocentrismo europeu. É idéia corrente, e “politicamente correta”, a de que os cruéis europeus não só massacraram, mas *calaram* os bons americanos primitivos. A ausência de uma *fala* de Essomericq seria mais uma prova disso. Ora, a idéia de que Essomericq ou qualquer outro índio colonizado quisesse declarar alguma coisa, deixar registrado seu depoimento é etnocêntrica: ela vem do apego de *nossa* cultura à expressão individual e a seu registro na História. Para um índio, esse desejo ou direito à palavra individual, registrada para a posteridade, não tem qualquer sentido. Um índio não acha “interessante” experiências individuais; também não concebe uma história linear e progressiva com a consignação de uma experiência particular. Se Essomericq não disse nada, provavelmente é porque não tinha nada a declarar. Seu silêncio não é problema dele; é nosso.

Aliás, há nessa história uma outra personagem que não disse nada, e cujo testemunho também gostaríamos muito de ouvir. Trata-se da parenta do Capitão e mulher de Essomericq, Marie. Afinal, casar-se com um índio, mesmo já aculturado, foi algo inusitado. Não sabemos nada dessa Marie. Mas podemos deduzir algumas coisas. Os quatorze filhos que o casal teve mostram duas coisas: ela era jovem saudável, quando se casou, e o casamento foi duradouro. Também se pode deduzir que era uma moça bem educada, que transmitiu à sua prole os valores aristocráticos que eram os da família Paulmier. Seu filho Binot II foi militar, lutou contra os

huguenotes e se casou com Jeanne de Robillard, da poderosa família dos senhores de Louvagny. Seus netos exerceram altas funções e também se casaram com nobres.

Ora, Marie não deixou nenhum registro da experiência extraordinária que foi casar-se com um índio austral. Teria sido também calada? Não se exaltem as feministas. Se o Capitão de Gonneville não tivesse sido obrigado a fazer sua declaração, provavelmente também ele não teria deixado nenhum registro de sua viagem para a posteridade. Quantas experiências individuais da história ocidental ficaram absolutamente ignoradas por seus protagonistas terem permanecido calados, como Marie, e como Essomericq?

Outra pergunta que nos ocorre: teriam Gonneville e Essomericq a consciência de estarem vivendo, emblematicamente, a maior experiência da história humana, o encontro de dois mundos, radicalmente diversos e mutuamente ignorados, como jamais ocorrera antes e jamais ocorreria depois? O Capitão pode ter tido alguma consciência disso. Por quê? Porque ele era mais “consciente” do que seu afilhado? Obviamente não. Simplesmente porque só sua cultura (a nossa) coloca as coisas nesses termos. E se consideramos esse caso “uma bela história”, é em nome de valores ocidentais que já eram os do Capitão, e não em nome dos valores (que pouco conhecemos) do índio.

Alguns “ecologistas culturais” poderiam objetar que o Capitão não se portou bem, e condenar esse transplante de um índio, que deveria ter sido “preservado” na pureza de sua cultura. Esse purismo cultural é o que há de mais anticultural. Em *Raça e história*, Lèvi-Strauss mostra que as culturas vivem do encontro, do confronto, das fusões mais ou menos bem sucedidas. “A exclusiva fatalidade e a única tara que pode afligir um grupo humano e impedi-lo de realizar plenamente sua natureza é ele ficar sozinho”³. Mesmo que isso pese ao etnólogo, nostálgico das fontes, as culturas têm história e esta é uma história de encontros e trocas. Nesse sentido, a conquista da América foi, sem dúvida, um desastre demográfico, mas não uma desgraça cultural. Nathan Wachtel, autor de *A visão dos vencidos* (sobre a conquista do México), diz numa entrevista recente:

“Permitam-me aproveitar a ocasião dessa comemoração para alertar uns e outros contra os clichês e os estereótipos que vão ressurgir acerca do que fizeram e do que não fizeram os conquistadores. Saiamos da lenda negra, que diz terem eles cometido as piores turpitudes, e da lenda rosa, que diz terem eles aberto os selvagens à civilização (...) A América é o laboratório de múltiplas confrontações culturais, de fusões, de exclusões ou de mestiçagens que são como o cadinho de nossa modernidade”⁴.

Entretanto, o elogio da mestiçagem cultural é fácil de fazer em termos gerais, e difícil no particular. Qual a boa dosagem dos elementos misturados? O “melhor” de cada cultura, que merece ser salvo, quem o decide é a partir de que valores? Qualquer vitória de uma cultura sobre outra resulta numa perda. O sonho

de Oswald de Andrade, imaginando o português despido pelo índio, não seria também uma violência cultural?

O encontro de culturas é sempre uma luta, e a sua fusão é um processo doloroso. O etnocentrismo é, infelizmente, um universal antropológico. Dez anos depois de seu discurso na UNESCO, acima citado, Lévi-Strauss achou oportuno defender, em nome da preservação das diferenças, a necessidade cultural de um certo etnocentrismo:

“Não podemos dissimular que, a despeito de sua urgente necessidade prática e dos fins morais elevados que ela se propõe, a luta contra todas as formas de discriminação participa daquele mesmo movimento que arrasta a humanidade para uma civilização mundial, destruidora daqueles velhos particularismos aos quais cabe a honra de terem criado valores estéticos e espirituais que dão à vida seu preço, e que recolhemos preciosamente nas bibliotecas e nos museus porque nos sentimos cada vez menos capazes de os produzir.

Sem dúvida, embalamo-nos no sonho de que a igualdade e a fraternidade reinarão um dia entre os homens, sem que seja comprometida sua diversidade. Mas se a humanidade não se resignar a tornar-se a consumidora estéril dos únicos valores que ela soube criar no passado, capaz apenas de produzir obras bastardas, invenções grosseiras e pueris, ela terá de aprender que toda criação verdadeira implica uma certa surdez ao apelo de outros valores, podendo ir até a sua recusa ou mesmo a sua negação”⁵.

Em meu livro, lembrei que a perda da identidade cultural ocorreu também com certos europeus chegados à América: “Ao longo do século XVI, enquanto Essomeriq se afrancesava, um número indefinido de franceses se ‘selvagizavam’ voluntariamente no Brasil. Numerosos turgimões enveredaram pelo interior do país e nunca mais voltaram. Um dos grandes problemas da França Antártica eram esses franceses que, enviados para cativar os índios, ficavam espontaneamente na selva, fundavam família com índias e, para horror de seus chefes, e para execração dos missionários portugueses, às vezes eram reencontrados, nus, pintados e antropófagos. Suspeita-se que muitos já vinham da França predispostos a ‘perderam-se na natureza’, e a esquecer os horrores das guerras religiosas da civilização que os impelira a partir. Esses franceses ‘selvagizados’ também não deixaram qualquer registro de sua experiência.”

O curioso é pensar que, cinco séculos depois, as coisas não mudaram tanto. A França continua sendo *a cultura* para os americanos. E o Brasil continua sendo *a natureza* para os franceses. Embora com menor força do que no passado, Paris continua nos atraindo como uma capital cultural, e nesse sentido tem trabalhado o governo francês, que investe como nenhum outro na imagem cultural do país. Em compensação, não há hoje intelectual, operário ou motorista de táxi em Paris que não esteja interessado na Amazônia, e indignado com o modo como os brasileiros a tratam. *Perder-se na natureza e encontrar-se na cultura* são imaginários contraditó-

rios. E, como imaginários, falsamente opostos. É ainda Lévi-Strauss quem melhor coloca essa questão, mostrando que não existe para o homem uma “natureza” pura, a ser desejada ou preservada, mas que a questão da natureza e de sua defesa é eminentemente cultural.

O turgimões que se “selvagizaram”, no século XVI, não se perderam na Natureza, mas se integraram numa outra cultura; e os índios que, como Essomericq, se “civilizaram”, não encontraram a Cultura, mas apenas uma outra cultura, com vantagens e desvantagens.

Ao longo dos séculos, essa troca resultou desigual, pelas características próprias das culturas em confronto. Em seu último livro⁶, Lévi-Strauss desenvolve a tese de que as culturas pré-colombianas, fundadas numa dualidade gemélica, possuíam um “lugar vazio” à espera do Outro que viria completá-las, daí sua receptividade e mesmo sua passividade diante do invasor europeu. Este, entretanto, chegava não para reconhecer o ameríndio como seu Outro, mas para transformá-lo, a ferro e fogo, no Mesmo.

A América inteira se europeizou, como Essomericq, e a cultura ocidental pouco aprendeu com as culturas americanas, anteriores à Descoberta. A Europa transformou-se economicamente, acolheu aportes isolados do Novo Mundo, mas não alterou seu conceito de humanidade nem a certeza de sua superioridade. Só agora, passados cinco séculos e constatados os desastres a que sua “superioridade” a levou, a cultura ocidental se empenha, com um interesse tardio (antes tarde do que nunca), em preservar os últimos Essomericqs em seus paraísos naturais, duvidando, afinal, de que tenha sido uma boa idéia vesti-los e civilizá-los. Todo e qualquer relativismo cultural cessa diante da questão premente para todos que é a preservação do meio ambiente, questão que o índios sempre souberam tratar de modo bem mais inteligente do que os civilizados.

Àqueles europeus que agora se preocupam com a Amazônia, e nos acusam por sua destruição, poderíamos perguntar o que fizeram eles de suas florestas, entre o século XVI e o XIX. Transformaram-nas em navios para vir do lado de cá destruir e ensinar a destruir outras florestas. Para se construir um navio, no século XVIII, abatiam-se 2.000 carvalhos centenários (o número está registrado no Museu da Marinha, em Paris). Mas nesses navios também traziam alguns valores em nome dos quais ainda hoje defendemos os índios e o “diálogo de culturas”, os mesmos valores humanísticos que, paradoxalmente, nos levam a condenar o modo como foi feita a conquista da América pelos europeus.

Recomeçar ou continuar a opor europeus e americanos, nessa altura da História, é uma tolice. Os americanos de hoje são herdeiros da história e da cultura européia, têm a mesma responsabilidade e correm os mesmos riscos que os europeus. Não somos inocentes Essomericqs; também não somos honrados Gonnevilles. Os cinco séculos transcorridos nos permitem, e nos impõem, uma reflexão sobre esse

encontro de culturas, para salvar o que ainda resta de ambas e garantir a própria sobrevivência dos homens, sejam eles europeus ou americanos.

RÉSUMÉ

À partir de l'examen de certains aspects de l'histoire de indien brésilien Essomericq - emmené en France en 1504 par le Capitain de Gonville et y ayant vécu jusqu'à l'âge de 95 ans - cet article met en cause les conséquences de la rencontre des cultures, du changement de culture: les pertes culturelles qui en résultent, les inégalités qui en découlent dues aux caractéristiques propres aux cultures en confrontation.

NOTAS

- 1 - *Vinte Luas: Viagem de Paulmier de Gonville ao Brasil (1503-1505)*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- 2 - *L'invention de l'Amérique* é o título do belo número especial da revista *Europe* publicado este ano sob a coordenação de Pierre Rivas. Esse título se inspirou no livro de Edmundo O'Gorman, *The Invention of America*. Bloomington: Indiana University Press, 1961.
- 3 - *Race et histoire*. Paris: Danoel-Gonthier, 1981 (1.ª ed.: UNESCO, 1961), p. 51.
- 4 - Na revista *Histoire*, número comemorativo dos 500 anos da Descoberta da América, Paris, 1991.
- 5 - "Race et culture" (1971), in *Le regard éloigné*, Paris, Plon, 1983, p. 47.
- 6 - *Histoire de lynx*. Paris: Plon, 1991. Ver, em especial, pp. 292 a 297.